

ABC DE ANGELA LAGO: CONVERGÊNCIA ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos¹

(UENF)

Analice de Oliveira Martins²

(UENF)

276

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo explorar questões relacionadas à mudança do suporte textual, tomando como referência algumas concepções adotadas para o objeto livro. Para tanto, serão considerados dois trabalhos da escritora e ilustradora mineira Angela Lago – *ABC doido*, em suporte impresso, e *ABCD de Angela-Lago*, em suporte eletrônico – os quais, na verdade, equivalem a um desdobramento de uma única obra. Nessa perspectiva, observar-se-á que, em vez de concorrerem entre si, os suportes impresso e eletrônico estabelecem uma relação de coexistência.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; tecnologia; literatura infantil.

ABSTRACT: This paper aims to explore issues related to the change of textual support, taking as reference some concepts adopted for the object book. For this, we considered two works of writer and illustrator Angela Lago – *Crazy ABC*, in printed, and *ABCD by Angela-Lago* in electronic apparatus – that, actually resemble a split of a single work. From this perspective, it is observed that instead of competing with each other, the printed and electronic media establish a relation of coexistence.

KEYWORDS: Book; technology; children's literature.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ/BRASIL. E-mail: elidatua@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6233081353479239>.

² Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-RIO, Campos dos Goytacazes, RJ/BRASIL. E-mail: analice.martins@terra.com.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8966420075110672>.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um texto existe a partir de um suporte que garanta a sua leitura – ou escuta. Assim, para a concretização de um texto, é necessário que ele transponha o pensamento e seja exteriorizado pelo seu autor, tornando-se visível aos olhos – ou aos ouvidos – do leitor:

Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

Vários suportes foram utilizados para registrar os textos, contudo, o mais tradicional e respeitado sempre foi o livro, especialmente depois de Gutenberg. Afinal, seria o *livro* uma referência tipográfica fixada a partir da imprensa? Machado (1994), citando Dom Evaristo Arns³ (1993), esclarece que:

Livro (liber), entretanto, tinha uma conotação mais genérica e designava qualquer dispositivo de fixação do pensamento, seja ele a inscrição em pedra ou madeira, a tabuleta de cera, o rolo de pergaminho etc. [...] com a expansão do cristianismo e com a generalização do formato cristão, a terminologia inverte-se: *livro* passa a designar exclusivamente o códice e ficamos sem um termo mais genérico para nos referir a qualquer outro dispositivo de fixação do pensamento (MACHADO, 1994, p. 2004).

Dessa forma, não haveria, necessariamente, uma relação fixa entre a palavra *livro* e o objeto encadernado ao qual se faz hoje impreterível associação. O artefato encadernado não seria uma condição para a existência do texto, principalmente quando se trata dos formatos digitais: “A edição digital liberta o texto de sua relação com o

³ Autor do livro *A técnica do livro segundo São Jerônimo*, obra na qual são tratadas passo a passo todas as técnicas de produção do objeto-livro tomando como referência o trabalho de um dos maiores escritores cristãos, São Jerônimo.

livro. Este, a partir de então, não determina mais aquele. O texto existe fora de seu suporte material” (CLÉMENT, 2003, p. 30).

Considerando as alterações pelas quais passou o suporte textual, algumas questões podem ser levantadas. Desse modo, quais mudanças a reprodutividade técnica trouxe para o estatuto do livro? Junto à revolução provocada pelas tecnologias digitais, estaria o livro impresso sendo suprimido pelo eletrônico? A fim de aproximar essas questões de alguma resposta, será feito um breve levantamento sobre as alterações ocorridas no suporte textual e a análise de duas obras de Angela Lago: uma impressa – *ABC doido* – e outra digital – *ABCD de Angela-Lago*.

I - HISTÓRIA DO LIVRO: DA AURA À REPRODUTIVIDADE TÉCNICA

Por longo tempo, a cultura da palavra se manteve restrita a um pequeno grupo, da mesma forma que a difusão do livro era bastante limitada por não haver mecanismos ágeis de reprodução, de modo que os leitores correspondiam aos ouvintes da voz reprodutora do texto, a qual ora era representativa de um discurso simplesmente falado, ora de uma reconstituição oral de um escrito – normalmente arquivado no rolo.

A veiculação de um *logos* para o texto teve como finalidade não só leitura como também a sua conservação: “A Grécia antiga teve nítida consciência de que a escrita fora ‘inventada’ para fixar os textos e trazê-los assim novamente à memória, na prática, para conservá-los” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 10). A princípio, mantinha-se com o livro uma preocupação contida na fixação do texto, não propriamente com a leitura. Posteriormente, como documentam ilustrações de vasos das últimas décadas do século V a. C., livros aparecem como fontes de conhecimento e de socialização em cenas escolares e de entretenimento, sendo a leitura solitária muito rara. Nesse contexto, o objeto livro ainda é muito escasso.

Na Renascença, com o sucesso da imprensa e seu baixo custo, houve a disseminação da ideia de livro enquanto encadernado de folhas. O registro textual que até então era o resultado de um meticuloso trabalho manuscrito que aproximava o *códex* de uma verdadeira obra de arte, passa a ser realizado por máquinas, fazendo com que a

essência artística do material produzido pelos copistas-artesãos não fosse mais uma característica do objeto livro. Assim, a reprodutividade técnica da escrita inicia um processo de deflagração do estatuto artístico atribuído ao livro, eliminando a sua aura: “[...] uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1987a, p. 170).

Duas das três inquietações que sempre perturbaram a cultura escrita podem ser relacionadas à reprodução mecânica do texto: a corrupção e o excesso. A primeira dessas preocupações sempre foi o temor da perda, o que ficou amenizada com a cópia ou a impressão de livros considerados ameaçados. Entretanto, surge outro receio, a corrupção dos textos, ocasionada pelas falhas nas cópias manuscritas, o que se torna ainda mais recorrente com uso dos tipos móveis e origina uma terceira aflição, a do excesso:

Na era do impresso, a ignorância dos tipógrafos ou dos revisores, como os maus modos dos editores, trazem riscos ainda maiores. Daí, os esforços dos autores para escapar das teias da livraria e da reprodução mecânica. Preservar o patrimônio escrito frente à perda ou à corrupção suscita também uma outra inquietude: a do excesso. A proliferação textual pode se tornar um obstáculo ao conhecimento (CHARTIER, 1999, p. 99).

Por meio do desenvolvimento tecnológico e da qualificação dos profissionais envolvidos com o universo livresco, o livro impresso foi aperfeiçoado e se tornou a maior referência de credibilidade para toda e qualquer informação. Com o surgimento da tecnologia digital, a imagem alcunhada ao livro a partir de Gutenberg tem sido modificada, como pressentia Walter Benjamin (1987b), com sua constatação sobre as mudanças acarretadas pela coletividade da vida urbana e sua relação com a recepção dos textos:

Agora tudo indica que o livro, nessa forma tradicional, vai ao encontro de seu fim. [...] A escrita, que no livro impresso havia encontrado um asilo onde levava sua existência autônoma, é inexoravelmente arrastada para as ruas pelos reclames e submetida às brutais heteronomias do caos econômico. [...] Se há séculos ela havia gradualmente começado a deitar-se, da inscrição ereta tornou-se manuscrito repousando oblíquo sobre escrivatinhas, para afinal acamar-se na impressão, ela começa agora, com a

mesma lentidão, a erguer-se novamente do chão. Já o jornal é lido mais a prumo que na horizontal, filmes e reclames forçam a escrita a submeter-se de todo à ditatorial verticalidade. E, antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre seus olhos um denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já obscurecem o céu do pretense espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano seguinte (BENJAMIN, 1987b, pp. 27-8).

Os atrativos dos meios audiovisuais são apresentados às pessoas de uma forma involuntária e sedutora – quase que hipnótica –, enquanto o livro, silencioso e estável, parece não combinar com o ritmo urbano moderno descrito por Walter Benjamin.

Ainda que as colocações de Walter Benjamin datem em quase um século⁴, emerge uma impressão inteiramente hodierna em relação à metrópole por ele detalhada, trazendo um caráter atemporal para suas percepções e criando uma conexão com a revolução provocada pelas tecnologias digitais, diante das quais o objeto-livro já não constitui uma condição para a circulação do texto:

Graças aos procedimentos de digitalização, o texto doravante está separado do objeto-livro. Essa mutação marcará sem dúvida o fim da era inaugurada pela invenção do livro. Ela é em todo caso mais fundamental que a invenção da imprensa, que na sua época não subverteu a forma do livro, mas apenas tornou possíveis sua multiplicação e sua difusão. Anuncia uma mudança nos nossos hábitos de escrita e de pensamento (CLÉMENT, 2003, p. 28).

II - DIÁLOGO ENTRE SUPORTES NA PRODUÇÃO DE ANGELA LAGO

Estabelecendo uma confluência entre suportes textuais, está a premiada escritora e ilustradora mineira Angela Lago. Autora que se dedica há mais de 30 anos à literatura infantil e demonstra utilizar as tecnologias de seu tempo em prol de uma literatura que dialogue com o universo infantil dos *nativos digitais*⁵. Como é característico de suas obras, Angela associa a brincadeira ao aprender e, por isso, seus livros impressos não dispensam ilustrações muito bem diluídas nas narrativas – não como antecipação do

⁴ A obra *Rua de mão única (Einbahnstrasse)* surgiu em 1928.

⁵ Geração de jovens nascidos a partir das tecnologias digitais, conforme alcunha Marc Prensky (2001).

texto verbal, mas como parte da história. É dessa forma que a autora criou um *site* no qual não só divulga seus trabalhos impressos, como também deixa em destaque várias narrativas eletrônicas criadas especialmente para os pequenos leitores tão integrados às tecnologias. Nele o *link ABCD de Angela-Lago* se distingue dos demais. Trata-se de um *link* titulado de uma forma muito semelhante ao livro impresso *ABC doido* (1999), também de Angela Lago, vencedor do prêmio Jabuti 2000, na categoria Melhor Livro Infantil ou Juvenil.

Ainda que una a leitura à brincadeira, Angela Lago não torna a leitura uma atividade facilitada. Ao contrário, o que se percebe nos impressos da autora é uma linguagem híbrida capaz de provocar o leitor – o que, em seu *site*, é potencializado pela tecnologia digital. Em rede, a escrita de Angela Lago estabelece horizontes textuais norteados pela hipertextualidade e pautados pela hipermedialidade, resultando em um discurso que envolve distintas semioses:

A vasta e magnífica obra de Angela Lago (1994) é uma excelente porta de entrada para a riqueza semiótica de obras – por assim dizer – multilíngues e polifônicas. Ilustradora de seus próprios livros, a autora manifesta neles uma precoce percepção das múltiplas linguagens da modernidade. Manifesta também a pavimentação de um itinerário cuidadoso que a leva das páginas do livro à tela do computador, encontrando na Internet suporte e linguagem para trabalhos altamente instigantes (LAJOLO, 2010, p. 103).

Seguindo essa perspectiva, um *site* – *angela-lago.net.br* – se torna o suporte para várias obras de Angela e assume a condição de uma ampla biblioteca permeada por palavras, imagens e sons germinados de sentidos.

III - TEXTO, NÃO IMPORTA O SUPORTE

O suporte textual e as tecnologias disponíveis à sociedade repercutem de algum modo sobre a linguagem do texto, possibilitando sua construção não só por palavras, como também por imagens e sons. Por isso, torna-se importante ressaltar que a concepção de texto pode variar entre um *sentido lato* e um *sentido estrito*:

[...] texto, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.). [...] Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 25).

Tendo em vista que tanto no livro *ABC doído* quanto no link *ABCD de Angela-Lago* são construídos por meio de uma linguagem híbrida, a concepção de texto adotada para referenciá-los neste estudo é *lato senso*. Trata-se, assim, de obras construídas a partir de uma linguagem verbal e não verbal: “Nesse sentido, o texto é também imagem, podendo-se falar na enunciação visual – ou enunciação gráfica – do texto, que pode ser definida como o modo de enunciar visualmente um texto ou como a configuração visual de um texto” (CAMARGO, 2008, p. 247). Nesse caso, uma enunciação gráfica que varia conforme o suporte em que se dá o registrado do texto: se impresso, compõe-se de imagens e palavras; se digital, de imagens animadas, palavras e sons. Além disso, as imagens constantemente funcionam como atalhos para outros textos, hipertextualmente: “Os hipertextos servem para interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os links, e para conduzir o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades” (VILLAÇA, 2002, p. 107).

IV – ABC: UMA OBRA, DOIS SUPORTES

Sob cores fortes, o *site* de Angela Lago ganha, na parte superior, em linhas brancas, o nome e o sobrenome de sua autora que, em *flash*, desmaterializam-se diante do leitor de modo que o nome *Angela* se transforma em um *anjo* e *Lago* retoma seu sentido denotativo e inunda o *anjo*, fazendo-o desaparecer – como uma metáfora, enfim. Nesse caso, não há uma sucessão de imagens que antecipam a leitura do texto verbal; o que prevalece são imagens que se integram à escrita compondo um hibridismo linguístico singular para o texto literário e que instiga o interesse das crianças. Com a

tela carregada, são apresentadas as obras: *A interminável Chapeuzinho* (ou *la Interminable*), *Oh!* (ou *oh!terrorgame*), o *ABCD de Angela-Lago* (ou *brasillianABCbrasileño*) e *Ciber-espacinho* (ou *ciberespacinhomyoldhtmsite*). Também há *links* que dão acesso a informações sobre a autora e a uma amostra de seus livros impressos – além de um espaço reservado aos professores. Tudo isso sob uma rápida introdução sonora que anuncia ao leitor os labirintos semióticos que poderá encontrar ao penetrar pelos *hipertextos*.



Fig. 1: Página principal do site de Angela Lago

O *link ABCD* encaminha o leitor para narrativas digitais, as quais são introduzidas por uma divertida linguagem verbo-sonoro-visual: “O modo como a hipermídia funde o sonoro, visual e verbal na trama de sua textura se constitui uma propedêutica exemplar para a prática da teoria das três matrizes da linguagem e pensamento” (SANTAELLA, 2013, p. 388).

Assim que clica no *ABCD*, o leitor é remetido a uma página preta onde encontrará em destaque a palavra *ANJO* que, após permutar algumas letras, torna-se *ANGELA*, então, um personagem – um anjo – cai sobre essa palavra, fazendo com que ela se torne composta, *ANGELA-LAGO*. Do segundo elemento dessa palavra, caem gotas d’água, fazendo jus ao seu sentido denotativo e formando um lago, no qual o anjo cai e respinga

letras ao seu redor sob o som de rápidas batidas na água. Assim, a própria abertura do *hipertexto* – isto é, o carregar do *hipertexto* – já revela a primeira narrativa deixada pela autora. Depois disso, outras histórias se mantêm ocultas nas imagens animadas e sonorizadas da tela, aguardando a intervenção curiosa dos pequenos leitores por meio de seus cliques hiperativos. Um texto verbo-visual-sonoro de cunho metalinguístico delineado por situações lúdicas de interação.

Os textos que compõem o *site* de Angela Lago não fariam sentido fora do contexto eletrônico ou, no mínimo, não teriam o mesmo efeito. Entretanto, um deles também existe em papel, é o *link ABCD de Angela-Lago*, que no formato impresso está convertido no livro *ABC doido* – praticamente a mesma obra da *web*. Isso permite a observação da convergência entre os suportes impresso e digital, cada qual com a sua especificidade, mas sem o decreto de fim de um ou outro.

Na versão digital, o *ABC* é composto por letras personalizadas que aparecem ao leitor visual e sonoramente, do mesmo modo que as orientações sobre o funcionamento da atividade. O pequeno leitor-usuário encontrará seis lacunas para serem preenchidas com letras personalizadas do alfabeto, de modo que, ao introduzir a sétima letra, o latão de lixo que ilustra a página devora todas elas, pois, como é anunciado por ele na abertura da atividade, mais de seis letras abrem o seu apetite. A cada letra escolhida, tem-se uma mensagem sonora. Assim, ao escolher a letra A, por exemplo, ouve-se: “A de assombração” – fazendo referência à inicial da palavra mencionada.



Fig. 2: Uma das atividades do link ABCD da Angela-Lago

De forma semelhante ao *site*, o livro impresso *ABC doido*, apresenta atividades de leitura conduzidas por letras ilustradas. Nele o diálogo com o leitor é iniciado logo no título, com a quebra de expectativas ao introduzir o vocábulo *doido* para dar sequência às letras indicativas do alfabeto: em vez de mais uma letra, é empregada uma palavra cuja letra inicial dá um encadeamento ao que havia sido enunciado. A escolha da palavra *doido* parece contrastar com o universo infantil devido a sua carga semântica, mas se torna justificada inicialmente pelos personagens que compõem o livro: fantasma, bruxa, caveira, diabo, enfim, seres que causam certo terror. O próprio modo como se dá o desenvolvimento do texto contribui para a consolidação do sentido anunciado no título do livro, uma vez que o texto flui de um modo nem um pouco convencional: a partir de charadas e jogos de imagem. Tal estrutura deixa o leitor livre para designar a própria leitura do livro, podendo proceder de modo linear ou não. Entretanto, é no final do livro, com letras personalizadas, que se torna explícito o sentido adjetivado no título: “Agora pode falar para toda a gerente que você sabe o ABC de trás para a frente” (LAGO, 2010, p. 108-109). Ora teria algo mais *doido* que um ABC de trás para a frente e com tantos personagens assustadores?

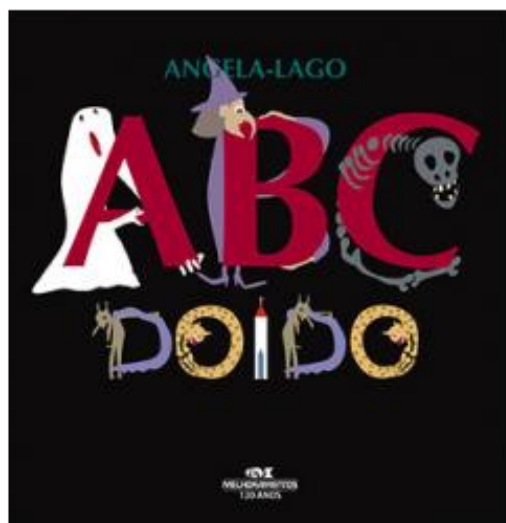


Fig. 3: Capa do livro ABC doído, de Angela Lago

O conteúdo do livro são adivinhas que brincam com o sentido e a formação das palavras, levantando uma divertida e descontraída reflexão intersemiótica, entremeando significados que se somam desde as figuras e palavras até a cor atribuída às páginas. Aparecem personagens que brincam com a imaginação do leitor ao fazerem com o seu corpo tome o contorno de letras – ou o contrário, letras que brincam de serem animais? Assim, Angela Lago conduz uma leitura divertida por meio de adivinhas metalinguísticas, desafiando o leitor com uma charada rimada: “O que é o que é minha prenda,/ a primeira coisa que o zoológico tem/ e tem no meio de qualquer fazenda?” (LAGO, 2010, p. 4).

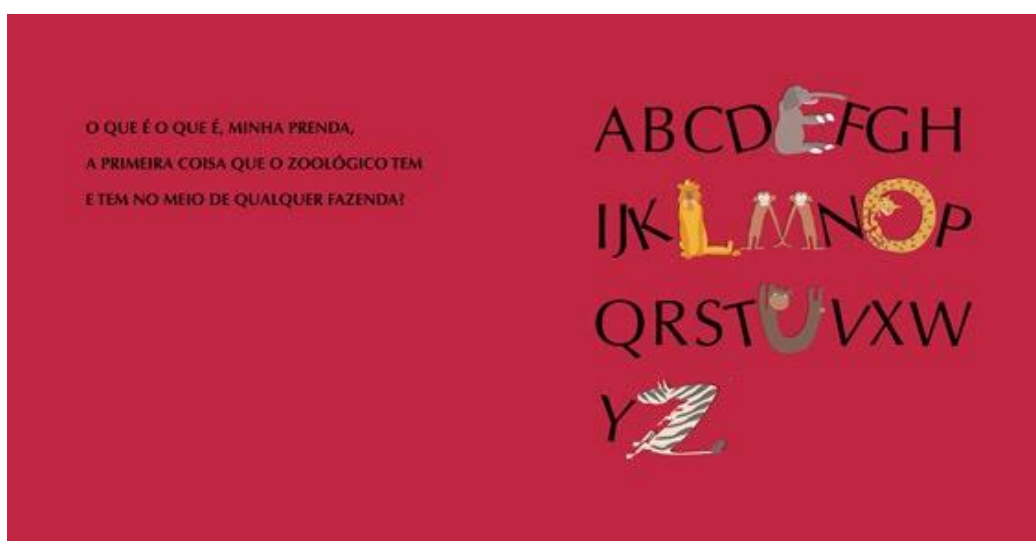


Fig. 4: Páginas 4 e 5 do livro ABC doido

Como resposta, duas outras páginas ricas em cores e ilustrações para a apreciação estética dos olhos curiosos do público infantil, ao mesmo tempo em que é feita uma discreta brincadeira com o próprio código: “Zoológico,/ fazenda.../ A letra z” (LAGO, 2010, p. 6).



Fig. 5: Páginas 6 e 7 do livro ABC doido

Com essa construção, dois universos se entrelaçam: o da escrita e o da leitura, concretizando a palavra não só gráfica, mas também visualmente, em letras e imagens. Como resultado, um elaborado jogo verbo-visual que, independente do suporte utilizado para registrá-lo, necessita de um leitor capaz de compreendê-lo: “Um texto híbrido, que exige um leitor híbrido, capaz de ler palavras e imagens. E não só capaz de ler os dois textos separadamente – o verbal e o visual –, mas a sua interação” (CAMARGO, 2008, p. 237). Têm-se, assim, imagens que se integram ao texto verbal, não como complemento, mas como elemento indissociável, uma técnica que atribui às ilustrações de *ABC doido* três funções essenciais: a *estética*, a *lúdica* e a *metalinguística*.

Segundo Camargo (2008, p. 241), a *função estética* se orienta para a forma da imagem. Como o *ABC* construído por Angela conecta diferentes ideias a partir da forma dada às letras – seja no impresso seja no digital – é possível verificar uma orientação

semântica nesse jogo de imagens que se dá por meio da personificação. De um modo geral, os textos de ABC utilizam a *função metalinguística*, já que neles a imagem se orienta para o código, no caso, “a linguagem visual, ou seja, quando o referente da imagem for a linguagem visual ou a ela diretamente relacionada, como situações de produção e recepção de mensagens visuais, citação de linguagens etc.” (CAMARGO, 2008, p. 242). Por a imagem ser orientada para o jogo – como a adivinha – e incluir humor, ela também desenvolve uma *função lúdica*.

Tanto o livro quanto o *site* constroem, então, uma “deliciosa brincadeira para todas as idades”, como informa a contracapa do livro impresso ABC doido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto à popularização da tecnologia digital, surge a impressão de que o livro no formato Gutenberg terá um fim. Entretanto, tomando como referência o *ABC* de Angela Lago em seus dois formatos – impresso e eletrônico –, emerge outra sensação, a de que não há necessariamente uma eliminação de suporte, mas uma convergência em direção à realização do próprio texto. Sabendo que tanto o *site* de Angela Lago quanto o livro *ABC doido*⁶ são de 1999, pode-se dizer que o impresso e o digital estabelecem uma relação de coexistência, não uma supressão, deixando aos leitores do século XXI a escolha entre a praticidade da virtualização informática e a morosidade do encadernado. Inegável, neste caso, é que a tecnologia digital é capaz de potencializar a linguagem e provocar alterações que não ficam despercebidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

⁶ O livro ABC doido utilizado neste trabalho é uma reimpressão de 2010.

_____. *Rua de Mão Única*. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

CAMARGO, Luís. Para que serve um livro com ilustrações? In: JACOBY, Sissa (Org.). *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.

CAVALLO; Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIVe XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: As implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira e estudos literários. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36. Brasília, julho-dezembro, 2010, p. 97-110.

LAGO, Angela. *ABC doido*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

_____. *ABC de Angela-Lago*. Disponível em: < <http://www.angela-lago.com.br/ABCD.html>>. Acesso em 10 ago. 2014.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20>

Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia*. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

290

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.